

## O Rio de todos os Brasis - capítulo 2: Os vestígios do Rio colonial

A atividade econômica do Rio colonial, antes das Minas Gerais, era de natureza mercantil urbana, com a prata, responsável pelo movimento central dessa economia, e o escravo, mercadoria mais importante.

O rio do Prata, com 200 minas e 3 mil entradas, demandava muitos escravos. Como eles morriam com aproximadamente 8 meses de trabalho devido ao envenenamento pelos vapores de mercúrio, subnutrição e difícil aclimatação ao altiplano, era necessário manter um grande fluxo dos mesmos para suprir a demanda.

O porto e sua rota Rio - África, que reduzia os custos do comércio, foi uma vantagem decisiva para a cidade. Era responsável pelo comércio exterior e pelo comércio colonial e cabotagem. Ela se tornou o entreposto colonial, a retaguarda da expansão lusitana no Sul.

Uma das razões para o desenvolvimento açucareiro no Rio foi o comércio de aguardente com a África e o uso do açúcar no escambo de escravos. Apesar de ser menos vantajoso produzir açúcar para a Europa do Rio de Janeiro, ele era produzido para servir de moeda para o tráfico. A farinha de mandioca também era usada como moeda, além de alimento para a frota. O recôncavo foi a área de expansão do açúcar, do abastecimento da cidade e posteriormente do café.

O fortalecimento urbano do Rio deu-se graças ao tráfico combinado com o contrabando.

A família Sá se desenvolveu como a mais importante *holding* mercantil colonial devido a sua localização estratégica e ao con-

trabando no Prata. O Rio era como se fosse sua propriedade particular.

O passado colonial do Rio está presente na organização espacial da cidade, na "centralidade" do Centro, núcleo articulador essencial, preservado pelas funções portuárias como eixos de circulação, abastecimento de água, alimentos, entre outros. A Praça XV era a principal praça do Rio por causa da proximidade com o porto, nela ocorria o mercado de peixes, era o epicentro da cidade. O Centro se mantém no mesmo lugar desde o período colonial e foi preferido por ser naturalmente fortificado, vindo a possuir, posteriormente, a concentração política, mercantil e militar.

O suprimento de água determinou a distribuição socioespacial da população. Por não ser uma cidade estuarina, o abastecimento de água determinou a localização da população mais pobre em torno das bicas d'água e da população mais rica em chácaras nos altos.

A hiperatividade do capital imobiliário, explicitada pela pouca quantidade de lugares preservados e relíquias monumentais, retrata a dinâmica da cidade. Os monumentos mais visíveis são as igrejas que fornecem indicadores da prosperidade e dinamismo da cidade colonial.

A Companhia de Jesus, desde o século XVI, teve um papel importante na economia do Rio de Janeiro como a produção pecuária, construção de canais e *polders*, além de controlar a educação.

A cidade pode ser percebida como um corpo social extremamente heterogêneo, interdependente e inter-relacionado, que está em permanente mutação. É um espaço de criação, destruição e conservação.